



Cerca exige consertos rápidos. Como está, é uma porta aberta a facilitar a ação de invasores

ESCOLA-CLASSE 1 DO PARANOÁ

Edifício de lata faz de aula sessão de torturas

CARMEN CRUZ
Da Editoria de Cidade

Que as escolas de lata são uma verdadeira tortura para alunos e professores da rede oficial de ensino não há dúvida, e a própria Fundação Educacional reconhece. Só que ao contrário do que estabelecia o plano quadrienal do setor, elas não foram desativadas. A maioria continua funcionando em precárias condições, acarretando sérios transtornos aos estudantes. Na Escola-Classe 1 do Paranoá as crianças não conseguem se concentrar nas aulas porque o barulho ensurdece e o calor deses- perado.

Os riscos de frequentar uma escola como esta são conhecidos pela comunidade, o material de revestimento do teto é altamente inflamável, não há ventilação e as salas se transformam em saunas, no período vespertino. Mas na falta de uma alternativa que garanta o curso normal das aulas, todos vão suportando a situação. Segundo a vice-diretora da Escola-Classe 1 do Paranoá, Maria Vitória Ribeiro Braga, a unidade deveria ter sido demolida no primeiro semestre, conforme promessas da Fundação.

SEM RECREIO

Para atender ao ciclo básico de alfabetização, nas 1ª e 2ª séries, a Escola-Classe 1 foi criada em junho de 1985 e hoje é dirigida pelo professor Sebastião Leles Ferreira. Construída em apenas alguns meses, a unidade ficou muito mais cara do que se fosse de alvenaria. Iniciou as atividades com turmas de pré-escolar, eliminadas no ano se-



guinte, de acordo com as metas da Fundação Educacional de intensificar o atendimento a crianças entre 7 e 14 anos.

Atualmente a escola tem 1 mil 200 alunos matriculados embora o número de evasão seja grande, desde o primeiro semestre. Segundo a professora Maria Vitória, muitos estudantes mudam para outros núcleos e não pedem transferência. Outros abandonam a escola por vários motivos de ordem social. A clientela da Escola-Classe 1 do Paranoá é quase toda carente. Uma de suas dificuldades é a aprendizagem. "Não sei se pela falta de alimentação ou por qualquer outra coisa", salienta a professora de apoio da direção.

Este ano foram poucas as horas de recreio para os alunos. E que as canaletas de águas pluviais, que cortam todos os pá-

tiros, estão completamente abertas. As crianças caem e se machucam. As tampas de concreto foram quebradas com a utilização do espaço e não foram repostas. "Ultimamente nem pedimos mais a reposição das tampas. Suspendermos o recreio e o lanche passou a ser servido na sala de aula", explicou Maria Vitória.

A segurança é outra grande preocupação dos pais, professores, serventes e da direção. Realizando bazares e outros eventos, eles conseguiram, ano passado, recursos para cercar a escola com arame farpado. Mas a cerca já não detém os invasores. Está quase toda destruída. Os esgotos estão sendo fechados com algumas tampas da canaleta porque as originais, de ferro, foram roubadas.

Eles querem agora um muro de alvenaria que ofereça segurança à comunidade interna e com isso reduzir as depredações. Os pedidos à Fundação têm sido intensos, mas por enquanto não houve resposta satisfatória. Dois vigias se revezam diariamente na área, resguardando-a dos ladrões que nos primeiros anos roubavam luminárias do pátio e até bujões de gás da cantina. A escola conta com um porteiro, mas só durante o dia.

A falta de professores é outro problema. "Todo ano começamos as aulas com deficiências de mais de 10 professores. É difícil porque os alunos ficam prejudicados. Neste momento estamos com um déficit de três professores e algumas turmas sentem o peso de mais de 20 dias de atraso em determinadas matérias", explica Maria Vitória.

Sol e chuva atrapalham

A única vantagem da escola de lata é a aparência. A estrutura metálica dá proteção contra a ação da poeira e dos depredadores. Em compensação, o que tem de ruim supera todas estas considerações. Quando há sol, o calor expulsa alunos e professores das salas e quando chove o barulho no telhado interrompe qualquer aula.

"Basta o esbarrão de um aluno numa das paredes para que o som passe por todas as salas", conta Maria Vitória. As janelas estão parcialmente conservadas, as placas de duratex do teto já estão se soltando em algumas salas. Nos quatro pavilhões principais da escola ficam as 22 salas de aula, todas com carteiras e cadeiras em condições de uso. A maior parte das luminárias precisa ser reposta.

Outro pavilhão é para a preparação dos lanches e para os banheiros dos alunos, separados por uma área de lazer. Na cantina apenas dois fogões, um dos quais semi-industrial, funcionam sem os cilindros de gás. "Estamos usando botijões que às vezes congelam o gás diante da pressão muito grande", justificou a vice-diretora. O lanche servido pela única merendeira é sempre a partir de arroz, feijão e outras substâncias fortes.



Recreação: risco de acidente para os estudantes

Material é raridade

Pela distância que fica em relação ao Plano Piloto, a Escola Classe nº 1 do Paranoá vive um drama em cada necessidade de reparos nas instalações. Há uma semana o diretor Sebastião Leles Ferreira teve de empreender inúmeras viagens e ficar de prontidão na sede da Fundação Educacional a fim de conseguir deslocar o Comando de Reparos para desentupir os esgotos. "Sempre que precisamos de alguma coisa é uma nova luta", disse a vice-diretora Maria Vitória.

Um levantamento feito pela direção concluiu que 90 luminárias precisam ser substituídas até agora, porém, apenas 20 foram enviadas à escola. O material de limpeza não chega desde julho, quando os professores fizeram um bazar, festa, caixinha da amizade e passaram a comprar tudo o que era necessário para a manutenção da unidade. "Material didático? Vem muito pouco também. Falta papel, falta tudo", explicou Vitória. Segundo ela, são os 40 professores que mais contri-

buem para a complementação do material que falta.

POBREZA

A biblioteca é pequena e pobre. "É uma sala de leitura. Os livros que temos aqui foram enviados pela Fundação Educacional na época da inauguração da escola. Precisamos de mais". As crianças, de acordo com Maria Vitória, ainda utilizam pouco a sala. Recentemente ela recebeu, uma divisória para facilitar o trabalho da psicóloga que passará a atender os estudantes em espaço mais reservado.

A caixa d'água, que assegura uma reserva de 12 mil litros de água à comunidade estudantil, foi erguida no local destinado à plantação de uma horta. Por algum tempo funcionou, mas agora é o mato que cresce à sua volta. "Faltam professores até para as aulas normais, não podemos pensar em práticas agrícolas", pondera a professora, preocupada também com os cantoneiros dispostos ao longo dos corredores entre os pavilhões de aula.

ESCOLA - CLASSE 1 DO PARANOÁ



Salas de aula:	***
Banheiros:	*
Cantina:	****
Laboratórios:	*
Biblioteca:	*
Área de Lazer:	*
Área de Esporte:	***
Segurança:	****
Manutenção:	***

COTAÇÃO

*****	Excelente
****	Bom
***	Regular
**	Ruim
*	Péssimo ou Inexistente